

# Representações da escrita: estereotipia e singularidade enunciativa

Helena H. Nagamine Brandão □□\*

## Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a produção escrita em contexto escolar tendo em vista descrever: a) a representação que o escrevente faz do referente; b) a representação que se faz do trabalho da escrita. Analisarei a tensão discursiva entre a exigência institucional e a busca pela singularidade expressiva, isto é, a tensão entre aquilo que é preconizado pelo contexto escolar e visa à inserção do estudante num sistema coletivo e a mobilização do sujeito por um estilo próprio. Trabalho com a hipótese de que, de um lado, há um movimento marcado pelo discurso didático-pedagógico escolar com produções mais normatizadas, mais habitadas pelo senso comum, mais monofônicas e um escrevente mais assujeitado ao institucional e, de outro lado, um sujeito escrevente que, mesmo determinado pelas contingências estruturais, procura posicionar-se, de alguma forma, mais singularmente.

Palavras-chave: Escrita escolar; Representações da escrita; Estereotipia; Singularidade enunciativa.

Neste texto, apresento algumas reflexões sobre a pesquisa que venho realizando. Trabalho com um corpus representativo de produções escritas – a chamada redação – de candidatos ao concurso vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular – Fuvest – 2006<sup>1</sup>, ingressantes na Universidade de São Paulo – USP –, aprovados em primeira chamada.

A instrução apresentada (vide anexo) ao candidato tinha três orientações:

- ler três pequenos textos sobre o tema “trabalho”: o texto I, de caráter mais abstrato e generalizante, falava sobre a essência atemporal e historicidade do trabalho humano; o texto II fazia referência à problemática do trabalho

---

\* Universidade de São Paulo – USP. Parte deste texto foi publicada na revista **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 08, São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2006.

1 - Números da Fuvest/2006: candidatos inscritos: 170.474; candidatos que passaram para a segunda fase: 27.584; número total de vagas oferecidas: 11.597.

no mundo contemporâneo e o texto III referia-se ao caráter processual do trabalho do artista;

- relacionar o conteúdo dos textos lidos;
- escrever um texto dissertativo em prosa, argumentando sobre o que leu nos três textos e sobre outros aspectos que considerasse pertinentes ao assunto proposto.

A execução da instrução mostrou que quase todos os candidatos que tiveram suas produções escritas selecionadas para este trabalho – compondo um *corpus* de trinta redações – focalizaram sua atenção na problemática do texto II. Essa tendência se explica, talvez, porque esse texto diz respeito a uma visão mais próxima da realidade dos candidatos – as condições de trabalho no mundo contemporâneo – permitindo-lhes apossarem-se do discurso que circula socialmente, seja na conversação cotidiana, seja na mídia. Os textos I e III exigiam conhecimentos que talvez não fossem do domínio dos candidatos ou, ainda, fossem estranhos a seu universo cultural, o que restringiu sua abordagem.

O desenvolvimento prioritariamente centrado sobre a temática do trabalho no mundo contemporâneo – tópico do texto II – proporcionou uma grande presença de estereótipos. Isto é, o tratamento da problemática do trabalho é feito utilizando-se de ideias e lugares comuns que circulam no discurso social atual. Essa constatação, aliada à ideia generalizada de que a redação escolar é, em muitos casos, apenas a reprodução de estereótipos, levou-me a pesquisar esse dado e a procurar entender o funcionamento linguístico-discursivo dessa ocorrência, refletindo sobre o sentido da estereotipia, sua presença e função na linguagem.

### **O discurso social: estereotipia e pré-construído**

Os discursos dos candidatos são atravessados por um discurso que circula na sociedade contemporânea, que vive, em relação ao trabalho, uma problemática comum por causa da globalização. É um discurso que veicula ideias transmitidas pela mídia, bem presentes no cotidiano de cada cidadão, constituindo o patrimônio cultural do grupo social. São ideias vindas não se sabe exatamente de onde e que circulam anonimamente entre os membros de uma comunidade.

Amossy, fazendo um estudo semiológico das “ideias recebidas”, explica esse fenômeno em um quadro teórico mais social e cultural. Para essa autora, nosso espírito é habitado por representações coletivas através das quais apreendemos a realidade cotidiana e fazemos significar o mundo. O imaginário social se inspira e

se alimenta no estoque pré-existente de representações coletivas, que retoma, com maiores ou menores modificações, intervenções, ou apenas as repete<sup>2</sup>. “Um vai e vem incessante se estabelece assim entre as imagens alojadas em nossa cabeça e as que são divulgadas abundantemente pelos textos e pelas media .” (AMOSSY, 1991, p. 9).

Quando essas imagens se tornam repetitivas, automatizadas, uma representação coletiva congelada, uma opinião partilhada e correntemente enunciada por um grupo social, temos o estereótipo ou lugar comum. Os estereótipos são imagens preconcebidas e cristalizadas, sumárias e recortadas das coisas e dos seres, que o indivíduo recebe de seu meio social e que determinam, em maior ou menor grau, sua maneira de pensar, de sentir e de agir. Os estereótipos são, pois, imagens de segunda mão que mediatizam nossa relação com o real. Nessa perspectiva, segundo Amossy, nós percebemos somente o que a nossa cultura definiu antecipadamente por nós.

No domínio das ciências sociais, o termo estereótipo tem tido geralmente um sentido negativo, um sentido ligado ao preconceito; mas no domínio das letras e da comunicação, ele está ligado antes à ideia do pré-construído: o estereótipo “designa as unidades pré-fabricadas através das quais se revela o discurso do Outro. O já-dito é a marca da banalidade” (AMOSSY, 1991, p. 30) que, sob a máscara da evidência, se dá como natural, próprio, sem questionamento.

A Análise do Discurso trabalha com a noção de pré-construído, noção introduzida por Paul Henri e posteriormente desenvolvida por Pêcheux. O pré-construído é a marca, no enunciado, de um discurso anterior, de um discurso prévio àquele construído no momento da enunciação. Embora se tenha esquecido quem foi seu enunciador, uma sensação de evidência se associa ao pré-construído por seu caráter de já-dito. Para Pêcheux, ainda, o pré-construído, como uma forma de implícito, está ligado à noção de memória discursiva:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto, que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (...). A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão “ausentes por sua presença” na leitura da sequência (...). P. Achard levanta

---

2 - Esse processo de repetição, automatização, toma outras denominações segundo certas especificidades. O estereótipo é muitas vezes confundido com noções vizinhas também ligadas à ideia de um já-dito, de um discurso prévio; assim, Amossy distingue: “a imitação é limitada ao tema puramente literário ou poético, o clichê designa um fato de estilo ou uma figura de retórica desgastada, o lugar comum se refere a uma opinião partilhada e correntemente enunciada pela comunidade.” (AMOSSY, 1991, p. 33)

a hipótese de que não encontraremos nunca, em nenhuma parte, explicitamente, esse discurso-vulgata do implícito, sob uma forma estável e sedimentada: haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma “regularização” iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (que podem a meu ver conduzir à questão da construção dos estereótipos). (PÊCHEUX, 1999, p. 52 – grifos nossos)

Mainueneau vê o pré-construído como o traço do interdiscurso no intradiscurso. Isto é, toda formulação discursiva

se encontraria colocada de alguma forma na intersecção de dois eixos: o vertical, do pré-construído, do domínio de memória, e o horizontal, da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo uma vez que o sujeito enunciativo é produzido como interiorizando de maneira ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. (MAINGUENEAU, 1989, p. 115)

Dessa forma, o pré-construído é constitutivo da natureza mesma da linguagem. Linguagem compreendida como interação social, como ato concreto de enunciação dirigido para o outro por sua natureza essencialmente dialógica, heterogênea, povoada por palavras alheias; e o locutor, no seu trabalho de enunciação, tem a ilusão de que são palavras próprias. É por isso que o pré-construído tem, para o sujeito, um efeito de evidência; ele o mobiliza em suas operações linguajares sem que dele se aperceba como palavra estrangeira. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1979, p. 86)

A noção de estereótipo apresenta um caráter ambivalente; ambivalência que Amossy expressa como “ao mesmo tempo nocivo e benéfico, perigoso e indispensável” (AMOSSY, 1991, p. 37). Esse caráter ambivalente está presente no histórico do surgimento do termo. Na sua origem, o termo foi utilizado na arte da imprensa: o estereótipo era o objeto que permitia a impressão, a duplicação ao infinito, graças à reprodução de um mesmo modelo. Assim, o estereótipo não tem um sentido negativo, pois, ao permitir a reprodução estandarizada, abre, pelas grandes tiragens, a era da difusão e do consumo de massa. Mas é justamente por isso que se opera a passagem para o sentido pejorativo: o sentido literal “reproduzir em prancha sólida” desliza metaforicamente para o sentido figurado “tornar inalterável, fixo, imóvel, sempre o mesmo” a imagem, o objeto reproduzido. (AMOSSY, 1991, p. 25)

Esses dois sentidos, de um lado positivo e de outro negativo, coexistem dialeticamente no termo. Do ponto de vista positivo, segundo Amossy,

os sociólogos julgam que as imagens coletivas, expressando o consenso das ideias e valores, têm por efeito manifestar a solidariedade do grupo e assegurar sua coesão. Elas traduzem a participação de uma visão de mundo comum que dá a um conjunto de indivíduos isolados a sensação de formar um corpo social homogêneo. (AMOSSY, 1991, p. 36)

Sob esse aspecto, pelo consenso de ideias e valores, a presença homogeneizante do estereótipo pode ter uma função ideológica e política: permitir a coesão e dar identidade a um determinado grupo social. Além disso, impossibilitados de conhecer tudo pela experiência direta, remetemos a fontes de segunda mão e assimilamos as imagens, as representações legadas pela coletividade. Mas, esse processo de assimilação e reprodução das imagens esquematizadas, herdadas do grupo social, que recortam o real e estão presentes no discurso, podem funcionar negativamente na medida em que, segundo um modelo imutável, por serem povoadas de generalizações simplificadas e rígidas, impedem de ver a diferença, o matiz, o caso particular, e não permitem o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico.

Reconhecendo que é impossível o contato direto com a massa de acontecimentos que se dá a cada instante, hoje nosso conhecimento, de uma maneira geral, nos chega via segunda mão, isto é, ele vem do “outro”, passa pelas mídias, pela opinião pública e pelo que circula no ambiente. É um procedimento essencialmente econômico. Além disso, sob o aspecto da linguagem, nosso discurso está povoado pela palavra do outro, não há atos de enunciação adâmicos. Tudo remete a um já-dito, a um já-lá existente, a pré-discursos ou a quadros pré-discursivos. Consideremos a categoria do gênero do discurso. Podemos dizer que o gênero é um exemplo típico de uma forma estereotipada no sentido de um modelo que nos permite ter acesso à linguagem em conformidade com as diferentes esferas de atividade em que atuamos. Se a cada situação de enunciação tivéssemos que inventar um gênero para produzir linguagem, a comunicação humana seria impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 302)

## **Estereotípi e escrita escolar**

Cathérine Boré (2007) trabalha essa questão do estereótipo e sua presença na produção escrita escolar numa perspectiva mais discursivo-enunciativa. Filiando-

se à teoria benvenistiana da enunciação, ela se propõe a descrever a escrita escolar como um discurso específico que se constitui pela apropriação da língua. Essa apropriação pode ser descrita como um processo que se dá entre dois pólos: o do estereótipo e o do idioleto.<sup>3</sup>

O estereótipo assinalaria a escrita escolar como um discurso comum aos estudantes, e o idioleto diria respeito a todas as formas de variedade desse discurso; numa atividade de produção escrita, por exemplo, em resposta a uma instrução única, por mais coercitiva que seja essa instrução, os textos produzidos indicam sempre uma certa dispersão de maneiras de tratamento do tema. A hipótese de Boré é que o estereótipo permite o acesso à banalidade da norma, ao código e que as transformações das estruturas estereotipadas seriam decorrentes das diferentes formas de apropriação da língua pelos escreventes.

Citando Roland Barthes – **O grau zero da escritura** –, que refletiu longamente sobre o ensino da língua e especificamente sobre o estilo, a autora (BORÉ, 2007, p. 219) descreve as três definições possíveis de idioleto:

- o idioleto pode servir para designar a linguagem do afásico que não compreende o outro, pois não recebe uma mensagem conforme seus próprios modelos verbais; a linguagem do afásico seria um idioleto puro;
- o idioleto pode também servir para designar o “estilo” de um escritor, ainda que o estilo esteja sempre impregnado de certos modelos verbais saídos da tradição, isto é, da coletividade;
- pode-se, enfim, alargar a noção e definir o idioleto como a linguagem de uma comunidade linguística, isto é, de um grupo de pessoas interpretando da mesma maneira todos os enunciados linguísticos.

Sobre essas definições, Boré assinala que entre o idioleto “a”, que é o “fora do código” do afásico, e o idioleto “b”, que é assimilado ao estilo do escritor, há uma distância enorme, o desvio parece maximal. Além disso, aponta que

a reserva de Barthes a propósito do idioleto “b” deixa entender que o estilo é sempre produto de uma herança, de modelos escriturais previamente existentes o que leva então admitir uma espécie

---

3 - Segundo Mattoso Camara Jr, o idioleto refere-se à língua tal como é observada no uso de um indivíduo. Podem, pois, aparecer num idioleto traços linguísticos que divergem da norma e são sistemáticos dentro do discurso individual. Do ponto de vista da correção e da disciplina gramatical, esses traços dialetais constituem os erros individuais. Nem sempre eles são exclusivamente individuais, pois as tendências que os criam podem atuar em maior ou menor número de indivíduos. (CAMARA JR., 1973)

de onipresença da intertextualidade, que faz de todo estilo uma reescritura. (BORÉ, 2007, p. 219)

A autora critica essa visão pessimista que evoca uma espécie de paralisia da enunciação, na impossibilidade de enunciar outra coisa senão o já-dito. Em “c”, paradoxalmente, o idioleto designa uma linguagem comum a um grupo de pessoas em vez de se aplicar a um indivíduo singular; tratar-se-ia aqui, na verdade, não do idioleto mas do socioleto.

Para Boré, a escrita praticada na escola empresta algo de todas as três definições:

- Há um idioleto “a” que se manifesta sob a forma da “falta”: nesse sentido a escrita escolar seria opaca como a linguagem do afásico, é o lado negativo do “estilo” – idioleto negativo –, que constituiria uma espécie de estilo de erros escolares.
- O idioleto “b” seria o lado positivo, que se restringiria a levar em conta apenas os textos marcados pela variação em relação ao modelo transmitido: os textos se diferenciariam da norma de escrita transmitida ou imposta como modelo pela escola.
- O idioleto “c” diria respeito ao estilo escolar como socioleto; seria o produto dos estereótipos da língua aprendida, adquirida em comum.

Tendo em vista essas considerações, para se entender o estilo de escrita escolar, deve-se levar em conta um movimento que coloca em jogo as seguintes oposições:

coletivo	x	individual;
comunidade	x	diferenças;
retomada	x	variação;
normatizado	x	não-normatizado.

Essas duas séries de oposições corresponderiam à oposição:

estereotípiã	x	idioleto
(sistema linguístico)	x	(desestabilização de estruturas modelares)
(formas estabilizadas)	x	(intervenção do escrevente no paradigma)

## Sobre estereótipo e singularidade enunciativa

A escrita escolar, como “ato de apropriação da língua”, deve ser entendida como ato de atualização, de efetuação da passagem da língua como potencialidade e sistema coletivo de formas estabilizadas, comum a uma comunidade de falantes, para um acontecimento enunciativo individual, singular. Isso é, no processo de escrita, “o aluno efetua o ato de se apropriar da língua e é nisso que consiste o acontecimento enunciativo, em sua unidade e em sua imprevisibilidade”. (BORÉ, 2007, p.220)

Na esteira do pensamento de Boré, compreendo esse ato de apropriação/atualização da língua em discurso, tomado de empréstimo a Benveniste e adaptado aos propósitos de minha reflexão, como abrangendo dois movimentos.

O primeiro movimento – como acontecimento enunciativo que visa à unidade, à busca da homogeneidade de uma língua padrão – diz respeito a um processo de aquisição da língua em que o acento é colocado sobre “o comum” na língua, a apropriação do código – sistema linguístico-discursivo –, em sua forma estabilizada, estereotípica.

O segundo movimento – como acontecimento enunciativo marcado pela imprevisibilidade – se dá em dois planos:

- Antes que se tenha o domínio desse comum da língua, o ato de escrever, para um aluno iniciante ou não proficiente, segue, muitas vezes, a estratégia do ensaio acerto-erro, o que, na expressão de Boré, “revela a língua em sua organização e sua estrutura pelo seu avesso, seus disfuncionamentos”, constituindo uma espécie de idioleto “negativo” (BORÉ, 2007, p. 221). A individualidade do escrevente se mostra marcada por um conjunto de regularidades, observáveis em outros escreventes de sua idade, algumas designadas como faltas – erros – em relação à norma e que apresentam uma lógica e um caráter sistematizável; esses tipos de ocorrências que não estariam de acordo com o código canônico escolar constituiriam uma espécie de estilo coletivo de erros comuns a determinados grupos de falantes. Essas faltas/erros se dissolveriam na medida em que a norma é integrada pelo falante/escrevente.
- O segundo plano da imprevisibilidade diz respeito a um processo de individuação em que o acento é colocado sobre o particular, sobre



o idioleto – agora visto como “positivo” –, numa realização individual da língua ao matizar, variar, transformar o estereótipo, rompendo singularmente com o paradigma.

Considerando o estereótipo como um elemento constitutivo de toda práxis discursiva, assimilado a um “lugar comum” no sentido próprio da expressão, isto é, como um terreno de saberes partilhados entre alocutários, a noção de estereótipo permite uma abordagem interessante no plano da didática, pois como relativo estabilizador de sentidos e formas, pode fornecer índices de legibilidade dos discursos, facilitando a apropriação de diferentes variedades do conteúdo e da expressão. Segundo essa perspectiva, “não se dará à estereotipia o sentido pejorativo que tem de hábito, na medida em que ela é concebida como um meio de ensino de códigos de leitura e de escritura, códigos indispensáveis a toda aprendizagem” (BORÉ, 2007, p. 231). Tomemos, por exemplo, a categoria do gênero de discurso nas práticas de escrita. O gênero pela sua “relativa estabilidade” (BAKHTIN, 1992, p. 279) exerce uma “função de reservatório de possíveis do qual o escritor pode retirar esquemas, fórmulas, estereótipos que ele integrará em sua própria produção, acarretando a ativação da memória de leituras antigas”, já realizadas (CANVAT, 1993, p. 273). Assim, toda prática de escrita se faz em função de um sistema genérico preexistente, com o qual o escrevente já teve contato nas suas experiências de leitura. Esse conhecimento prévio faz com que o locutor tome o gênero (semi)conhecido como referência para a estruturação, organização e composição do seu próprio texto, tanto para o respeitar, seguir como modelo, quanto para o transgredir. No processo da escrita, o escrevente vive de forma crucial a tensão entre a dialética estereotipia X idioleto, ou, em outras palavras, a tensão entre um estilo genérico, dado pelo paradigma e um estilo individual, diferente, variado.

Em didática poder-se-ia fazer a hipótese de que o estilo é uma passagem do idioleto negativo para o estereótipo considerado como o acesso ao bem comum partilhado e vice-versa: a variação do estereótipo recria então estilos de escrita escolar. (BORÉ, 2007, p. 231)

A escrita escolar se caracterizaria, portanto, por um processo dinâmico que constitui esse movimento constante: passagem de um idioleto negativo – marcado por “falhas” em relação à norma – para um sistema estereotípico – socioleto – e desse para um trabalho individual imprevisível de transformação

das estruturas estereotipadas – estilo individual. Esse processo pode ser assim esquematizado:

- Idioleto negativo (estilo de erros escolares) ---)
- socioleto (estereotípias) ---)
- estilo individual (idioleto positivo).

## Analizando “redações”

### Representação social do trabalho e estereotípias

A tematização do trabalho, no nosso *corpus*, é operacionalizada por enunciados que fazem circular ideias recebidas da conversação cotidiana, sobretudo influenciadas pelas mídias. De uma maneira geral, a questão é problematizada sobre dois eixos: um eufórico, outro disfórico.

Sobre o eixo eufórico há toda uma representação positiva, em que se constroem narrativas epifânicas sobre o trabalho, isto é, uma visão do trabalho como salvação, libertação, e que é referido como:

- trabalho eterno (R28)<sup>4</sup>;
- a maior invenção histórica do homem (R1);
- instrumento de promoção do homem (R2);
- forma de satisfação, de reciprocidade, de cooperação (R6); esperança de liberdade e de progresso (R7);
- forma de superação (R9);
- o trabalho artístico é um dom (R1); o trabalho artístico é algo imutável e imortal (R18).

Nesse eixo, os predicados que se aplicam ao trabalho são, de modo geral, de natureza generalizante, abstrata, e o *ethos* do sujeito enunciativo desse discurso é marcado por um tom edificante, quase de beatitude religiosa, de reverência ao trabalho.

Sobre o eixo disfórico, temos predicados desqualificadores que fazem uma representação negativa do objeto tematizado cujos efeitos são condenáveis:

---

4 - (R28) – a letra R indica “redação” e o número corresponde à numeração que o texto recebe no *corpus*.

- o trabalho é uma forma de degradação, é causa de escravização (R2);
- de guerras, brigas, desacordos (R1);
- é origem do acúmulo de dinheiro e de diferenças sociais (R1);
- é origem do capitalismo selvagem (R2), do neoliberalismo (R5), da globalização e suas conseqüências nefastas (R8);
- é causador do medo e da instabilidade (R12);
- é fonte de lucro, do capital acumulado, de prazeres supérfluos (R12, 16);
- é causa do excesso de trabalho e de exploração da mão de obra (R12);
- da extrema competitividade e seletividade do mercado de trabalho provocando exclusões (R20, 2), desempregos (R5), etc.

A representação construída por essas narrativas disfóricas expressa as asperezas da vida do trabalho. O *ethos* construído é o de um enunciador que vive tragicamente o destino de trabalhador, daquele que, tendo perdido o paraíso, é condenado ao trabalho.

Enfim, o que se pode depreender dessas representações é uma visão maniqueísta do trabalho: ora visto como uma bênção, uma necessidade para a realização humana, ora como um mal necessário, cujos excessos trazidos pelo capitalismo, pelo neoliberalismo, o homem do mundo da globalização deve enfrentar. Assim, há nesses discursos ora um *ethos* de louvação, ora um *ethos* de reprovação por parte de um locutor que se posiciona face às condições vividas pelo homem contemporâneo. Mas essa visão, seja do eixo eufórico seja do disfórico, caracteriza-se pela homogeneização, porque é construída por já-ditos, por estereótipos, lugares comuns presentes na coletividade e que nossos estudantes reproduzem, mostrando consonância com o discurso social contemporâneo.

Se, na visão dos sociólogos, os estereótipos constituem imagens coletivas que têm por efeito manifestar a inclusão do indivíduo num grupo pelo domínio de um código cultural comum, confortando-o e assegurando sua sensação de pertencimento a uma comunidade, essa presença homogeneizante do estereótipo, nesses textos, pode ter um sentido ideológico e político positivo: o de expressar sua inclusão social e sua identidade com um grupo social.

Por outro lado, a par desse aspecto positivo, é preciso ter consciência dos estereótipos, reconhecê-los em sua transparência e refletir sobre o que se esconde sob as evidências, porque o perigo da repetição é a automatização, a a-criticidade, a inflexibilidade, a generalização e mesmo o preconceito.

## Estereotipia e representações da escrita

Vou destacar para análise um texto (R10) que figura entre as quinze melhores redações publicadas no site da Fuvest<sup>5</sup> como exemplo de texto que apresenta, do ponto de vista estrutural-argumentativo, um desenvolvimento articulado de forma coerente e coesa sobre a proposta.

### O trabalho e suas implicações

(1) Uma obra de arte, um prédio, uma ponte ou um estudo acadêmico, num primeiro momento, podem não estar relacionados, mas se considerar-se como produtos de um trabalho, as relações se estabelecem.

(2) Um prédio é fruto de trabalho de vários profissionais, desde os engenheiros e arquitetos que o projetaram aos pedreiros e mestre de obras que o executaram. Da mesma forma que uma obra de arte, como a escultura “David” de Michelângelo, é produto de trabalho do artista que o concebeu. Desse modo, o trabalho possui várias facetas, podendo ser classificado como trabalho intelectual, braçal, artístico ou produtivo.

(3) Infelizmente, na sociedade atual, há formas de trabalho que são mais valorizadas que outras. Por exemplo, o trabalho de um advogado é mais conceituado que o de um carpinteiro e pode ser visto na forma da remuneração. Um advogado recebe muito mais, pelas mesmas horas trabalhadas que um carpinteiro. Isso porque o pensamento contemporâneo e capitalista enxerga que o advogado agrega mais valor à cadeia produtiva, e portanto, gera mais renda, que o carpinteiro.

(4) A essa primeira diferenciação, verifica-se que o progresso técnico e capacidade produtiva ao longo dos séculos, ao invés de proporcionar mais tempo à própria humanidade, implicou o aumento do trabalho e maior distância entre os os que dominam tais técnicas e os que estão à margem delas. A era digital e o uso de computadores e softwares modernos permitiu maior produtividade, corte de custos e otimização do processo produtivo aos que dela participam. Também implica maior carga de trabalho. Porém, aos excluídos, significou desemprego e marginalização.

(5) Apesar dos aspectos negativos que o trabalho acarreta na sociedade, o futuro da humanidade depende desse mesmo trabalho, que ao mesmo tempo que diferencia e exclui, também constrói, produz, gera riquezas, desenvolve arte e patrimônios culturais. Como é o caso de uma obra de arte, um prédio, uma ponte e um estudo acadêmico.

Do ponto de vista da estrutura, esse é um texto que segue o paradigma dissertativo: construído em cinco parágrafos, temos:

---

5 - A não ser essas quinze redações publicadas na íntegra, a Fuvest não permite que se citem as demais integralmente. Tendo em vista a finalidade deste sub-item, restrinjo-me à abordagem dessas quinze, justamente por possibilitarem uma análise do texto como um todo.

- no parágrafo (1), uma proposição inicial que constituiria a tese a ser defendida – embora não pareça, os quatro elementos/objetos, “uma obra de arte, um prédio, uma ponte ou um estudo acadêmico”, se relacionam do ponto de vista do trabalho;
- no parágrafo (2), explica-se, justifica-se a afirmação feita, especificando o tipo de trabalho que cada objeto envolve;
- o parágrafo (3) é introduzido por um modalizador de valoração – infelizmente – que explicita o posicionamento enunciativo do locutor, seguido de um marcador de temporalidade – na sociedade atual – em que, opondo-se ao eixo eufórico do parágrafo anterior, aponta-se o caráter disfórico da ideologia capitalista que valoriza determinadas profissões em detrimento de outras;
- o parágrafo (4) faz uma espécie de simbiose entre o que se põe nos parágrafos (2) e (3), explicitando o posicionamento crítico-valorativo do locutor face à diferença entre o progresso tecnológico e a capacidade produtiva, e as implicações laborais e sociais advindas;
- a conclusão – parágrafo cinco – reforça os aspectos eufóricos e disfóricos do trabalho, fechando com o mesmo enunciado com que se iniciou o texto.

Pode-se dizer que este é um texto que exemplifica a apropriação adequada e “feliz” do modelo “dissertação em prosa” que consta dos manuais e que a escola ensina. É um texto “redondo”, que articula as ideias – do senso comum, estereotípicas, constitutivas da ideologia que circula cotidianamente entre os falantes. Poderíamos dizer que o texto mostra um falante cujo nível de letramento encontra-se naquele em que, tendo assimilado e se apropriado do sistema linguístico-textual, é capaz de ler as instruções da comanda e responder convenientemente às solicitações institucionais. Isto é, o acontecimento discursivo que constitui sua performance escrita revela um locutor que, respeitando as regras de composição e de estilo estabelecidas pela norma padrão, procura se posicionar e enunciar seu ponto de vista.

Atuando dessa forma, respondeu à expectativa do cânone escolar, incluindo-se entre as melhores redações produzidas. Aliás, esse conjunto de quinze redações, selecionadas como as “melhores”, apresenta similaridades estruturais e de desenvolvimento temático que reproduz, com algumas variações, esse modelo canônico. Na tentativa de explicitar esse estilo coletivo, aponto algumas características gerais:

- textos compostos de 4 ou 5 parágrafos em que, após uma introdução contendo uma ideia geral sobre o trabalho, faz-se o desenvolvimento dessa ideia apontando aspectos eufóricos e/ou disfóricos, e finalizam com uma síntese e/ou peroração;
- afastamento do eu da enunciação: o referente fala por si – plano enunciativo da história, segundo Benveniste –, característica apontada pelo discurso escolar como própria do texto dissertativo, criando uma cenografia que visa à construção de um *ethos* imparcial, objetivo que visa a argumentar pela veracidade do que se propõe;
- uso de conectivos ou articuladores de sequenciação próprios ao desenvolvimento do texto dissertativo/argumentativo: todavia, contudo, porém, infelizmente, apesar de – geralmente para marcar a disjunção de aspectos eufóricos e disfóricos do trabalho –; conseqüentemente, sendo assim, por conseguinte, desse modo – para marcar a seqüenciação do texto –; porque, uma vez que – para introduzir justificativas –; portanto, (daí) conclui-se que, em vista disso, a partir daí poder-se-ia concluir – para introduzir a conclusão;
- exploração do princípio dialógico da linguagem criando efeitos polifônicos: trabalho sobre a heterogeneidade constitutiva da linguagem, utilizando-se de diferentes estratégias de inserção do “outro” no “um”, como:
  - a) diálogo com os textos da comanda, quer sob a forma explícita, marcada, como o uso de ilhas textuais em que a fala do outro se inscreve sintaticamente na fala do escrevente delimitada pelas aspas; quer sob a forma implícita, sem marcação gráfica ou sintática desse discurso, mas meramente alusiva, reconhecível do ponto de vista semântico-conteudístico;
  - b) menção a autores clássicos como Aristóteles, Michel Foucault, Karl Marx, Weber, e Peter Drucker e Ricardo Antunes – teóricos do trabalho no mundo moderno;
  - c) alusão a personagens da literatura ou a filmes;
  - d) uso de perguntas retóricas como estratégia de interação com um interlocutor presumido.

Essas características comuns assinalam um estilo escolar coletivo em que o locutor mostra ter assimilado o código, a norma de como escrever o gênero textual

dissertativo-argumentativo segundo o padrão institucional. Elas constituem uma espécie de socioleto positivo que, pela sua homogeneidade, pelo seu caráter estereotípico, igualam seus locutores e lhes dão a chancela para adentrar o espaço da universidade.

### Considerações finais

Para concluir, pode-se dizer que as representações que os vestibulandos constroem do referente estão, de modo geral, baseadas num conhecimento de mundo marcado pela estereotípi, por uma visão atravessada pelo senso comum, por uma ideologia do trabalho assentada no discurso cotidiano veiculado pela mídia. Quanto à escrita, a representação construída é aquela que tem como modelo um padrão ditado pela instituição escolar cujas estratégias de linguagem o vestibulando deve dominar se quiser atingir seu objetivo. A análise das quinze melhores mostrou quais características são levadas em conta – domínio do gênero dissertativo, consistência argumentativa, posicionamento crítico, exploração do caráter dialógico/polifônico da linguagem dialetizando pontos de vista, por exemplo. Por outro lado, em estudo anterior, Brandão (2006), num levantamento mais amplo e geral do *corpus*, observou-se a predominância de uma organização textual confusa e de um desenvolvimento da temática centrada na repetição automatizada dos argumentos/estereotípias, revelando um locutor, sem um posicionamento mais crítico, uma voz monofonizante que enuncia na ilusão de ser a fonte única de seu discurso.

### Abstract

The aim of this paper is to reflect about the writing process in the school context with a view to describing: a) the representation the writer makes of the linguistic sign; b) the representation the writer makes of the writing process itself. We analyse the discursive tension between institutional demand and the writer's search for singularity of expression, that is, the tension between what is preconized by the school context and aims at making the student part of the institutional system and the student's effort to attain a style of his or her own. Our hypothesis is that there is, on the one hand, a movement established by school didactic and pedagogic discourse that results in both a normative production, marked by common sense and more monophonic, and in the writer's deeper subjection to the institution; on the other hand, there is a subject who writes seeking to express his or her singularity somehow, even if determined by structural contingencies.

Key words: School writing; Writing representation; Stereotypy; Enunciative singularity.

## Referências

- AMOSSY, R. **Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype**. Paris: Nathan, 1991.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1989.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de M. A. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BORÉ, C. L'écriture scolaire entre stéréotype et idiolecte. **Pratiques**, n.135-136, p. 217-239, 2007.
- BRANDÃO, H. N. A escrita de estudantes pré-universitários: representação e estereotipia. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n.8, p. 239-250, 2006.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1993.
- CANVAT, K. La notion de genre à l'articulation de la lecture et de l'écriture. In: REUTER, Y. **Les interactions lecture-écriture: actes du colloque Théodile-Crel**. Lille: Peter Lang, 1993. p. 263-282.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1989.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.



## ANEXO: FUVEST/2006 - REDAÇÃO

### Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer. (Adaptado de A. Simões)

### Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego. (M. A. Marques)

### Texto 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de uma viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura “Davi”. (Adaptado de site da internet)

*INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas ideias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os pontos que você tenha considerado pertinentes.*